



## **NO RITMO DA MÚSICA: ANÁLISE DE UMA EXPERIÊNCIA COM ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO EM AULAS DE SOCIOLOGIA**

*IN THE RHYTHM OF MUSIC: ANALYSIS OF AN EXPERIENCE WITH HIGH SCHOOL STUDENTS IN SOCIOLOGY CLASSES*

DOI: <http://dx.doi.org/10.23926/RPD.2526-2149.2019.v4.n2.p852-868.id543>

### **Carolini de Souza Vilela Correia**

Mestre em Educação  
Profissional e Tecnológica  
(PROFEPT/IA IFSC)  
Professora da Rede Estadual  
de Educação de Santa  
Catarina.  
[carolinivilela@gmail.com](mailto:carolinivilela@gmail.com)

### **Marizete Bortolanza Spessatto**

Doutora em Educação  
(UFSC)  
Professora do Instituto  
Federal de Santa Catarina  
(IFSC)  
[marizete.spessatto@ifsc.edu.br](mailto:marizete.spessatto@ifsc.edu.br)

**Resumo:** A Sociologia, em diferentes contextos políticos da história brasileira, foi retirada de cena e sua presença na educação escolar ainda é frágil e ocupa papel de coadjuvante, na maioria das vezes ministrada por professores que não têm formação inicial em Ciências Sociais. A disciplina também enfrenta escassez de material didático. Nesse cenário, este trabalho visa partilhar uma experiência realizada com estudantes de duas turmas de terceiros anos do Ensino Médio da Rede Pública da Grande Florianópolis-SC. Através de uma sequência didática, aplicada durante desenvolvimento de uma pesquisa de mestrado que teve como foco o uso da música como recurso metodológico, os estudantes assumiram o protagonismo. As produções desenvolvidas pelos alunos tiveram como temáticas o racismo, o machismo e a homofobia, gerando materiais que demonstram a articulação dos conhecimentos escolares às questões do cotidiano.

**Palavras-chave:** Sociologia; Ensino Médio; Música.

**Abstract:** Sociology, in different political contexts of Brazilian history, has been removed from the scene and its presence in school education is still fragile and plays a supporting role, most often taught by teachers who do not have a background in Social Sciences. The discipline also faces shortages of teaching material. In this scenario, this paper aims to share an experience done with students from two third year High School classes of Grande Florianópolis-SC Public Network. Through a didactic sequence, applied during the development of a master's research that focused on the use of music as a methodological resource, the students took the lead. The productions developed by the students had as theme racism, male chauvinism and homophobia, generating materials that demonstrate the articulation of school knowledge with everyday issues.

**Keywords:** Sociology; High School; Music.



## 1 INTRODUÇÃO

As mudanças curriculares na Educação brasileira fizeram com que muitas disciplinas desaparecessem do cotidiano escolar. Algumas delas, como a Sociologia e a Filosofia, por muitos anos ficaram de fora da matriz curricular das instituições de ensino. A Sociologia, foco deste estudo, teve uma história entrecortada por muitos períodos de exclusão, sendo que o maior tempo de estabilidade na oferta se deu, conforme indica Oliveira (2013), entre os anos de 1925 a 1942. Em 1942, a Reforma Capanema tirou a Sociologia dos currículos escolares do Ensino Médio, permanecendo apenas nas escolas normais<sup>1</sup>. Depois disso, foram quase quarenta anos de exclusão da Educação Básica. Cabe ressaltar que, durante o período de Ditadura Militar, não se permitia sequer discutir questões ligadas à Sociologia. Apenas na década de 1980, a disciplina começou a ganhar espaço e a ser inserida lentamente nos currículos de alguns estados. Por mais que a Lei nº 11.684 tenha, em 2008, tornado novamente esse ensino obrigatório, os riscos de corte na oferta são sempre eminentes, como pôde ser visto nas discussões da Reforma do Ensino Médio, em 2017, provocando reações de entidades a favor da obrigatoriedade da Sociologia.

Além das idas e vindas no currículo, a disciplina sofre com a falta de profissionais habilitados atuando em sala de aula. Ao analisar os dados de 2014, Caregnato *et. al.* (2017, p. 196) identificaram que, do total de 57.483 professores que ministravam Sociologia nas escolas brasileiras, apenas 11,3% eram formados em Ciências Sociais/Sociologia. Analisar causas e soluções para esse cenário ultrapassa os limites deste trabalho, mas pode ser considerado como um dos agravantes dessa situação o fato de que, como a disciplina tem uma carga horária reduzida no currículo escolar, restrita a uma ou, no máximo, duas aulas por semana nas turmas do Ensino Médio, elas são divididas entre outros professores, a fim de que complementem sua carga horária. Assim, mesmo havendo professores formados, esses não são contratados.

Quanto aos recursos que subsidiam a organização das atividades em sala de aula, assim como ocorre com outras disciplinas, o livro didático torna-se a principal ferramenta pedagógica disponível aos professores de Sociologia. É preciso observar, entretanto, que os livros para essa disciplina representam algo novo, pois começaram a ser distribuídos apenas a partir de 2012<sup>2</sup>.

---

1 Escola Normal é um modelo de formação de professores instituído na França no final do século XVIII. No Brasil, a formação docente só começou a ser discutida após a independência. O estabelecimento e a expansão do padrão das Escolas Normais ocorreu entre 1890 a 1932, tendo como marco inicial a reforma paulista da Escola Normal (SAVIANI, 2009, p. 143-144).

2 O Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) é uma política educacional de distribuição de livros, para o Ensino Médio, teve início em 2006, com livros apenas de Português e Matemática. Os livros de Sociologia começaram a ser distribuídos apenas a partir de 2012. Disponível em:



Considerando esses dados e na perspectiva de partilhar experiências que qualifiquem o trabalho docente e o processo ensino aprendizagem de Sociologia, este trabalho visa socializar uma experiência com o uso da música como recurso metodológico. Entende-se que essas estratégias podem possibilitar discussões, debates e articulação dos conteúdos que fazem parte do dia a dia dos jovens do Ensino Médio. Além das letras e suas interpretações, o aluno pode ser estimulado a criar paródias com o conteúdo estudado e a trazer músicas que tenham relação com o conteúdo trabalhado em sala de aula. De acordo com Comim e Murad (2015), com a orientação do professor, a música pode auxiliar o estudante a pensar além do senso comum, desenvolvendo a criticidade, observando melhor o mundo que o rodeia.

Entretanto, nos documentos oficiais que orientam o ensino de Sociologia nas escolas brasileiras, há poucas referências a esse trabalho. As Orientações Curriculares Nacionais (OCNs), publicadas em 2006, na seção prática de ensino e recursos didáticos, elencam diversas possibilidades de se trabalhar a Sociologia em sala de aula. Entre elas, estão aula expositiva, seminários, visitas de estudo, leitura e análise de textos, uso de cinema e televisão, uso de charges e de fotografia. Cabe ressaltar que o uso específico da música, proposta deste trabalho, não é citado.

Na Proposta Curricular de Santa Catarina, documento que orienta a oferta da Educação Básica no estado foco deste trabalho, esse recurso é indicado como uma estratégia metodológica, ainda na edição publicada em 1998<sup>3</sup>, antes mesmo da distribuição de livros didáticos de Sociologia. O documento sugere:

O recurso a textos musicais, cujos temas das letras constituem-se em fonte secundária para o estudo das questões focalizadas, tem se mostrado altamente positivo, pelo interesse e gosto que despertam e pela problematização que propiciam. A respeito deste recurso é importante estar alerta para não descaracterizá-lo por intermédio de um uso inadequado que parta diretamente do estudo da letra da música, ou seja do seu texto escrito. Necessariamente esse trabalho deverá se iniciar por uma referência ao tema do texto musical escolhido, a autoria de música e letra, a época em que foi composta e a audição, umas duas vezes, da gravação pelos alunos em classe, acompanhada simultaneamente pela leitura da letra. (SANTA CATARINA, 1998, p.71).

Entretanto, acreditamos que apenas referenciar a possibilidade de uso não basta. É preciso que sejam partilhadas sugestões de emprego da música como um recurso metodológico capaz de contribuir com o processo ensino aprendizagem. Prova disso são os dados de uma

---

<http://www.fnde.gov.br/programas/programas-do-livro/pnld/remanejamento/item/518hist%C3%B3rico?highlight=WyJlc2NvbGEiXQ==o>. Acesso em 14 maio 2019.

3 A versão mais recente do documento é de 2014.



pesquisa, realizada de forma prévia ao desenvolvimento da estratégia metodológica aqui proposta, como parte integrante de dissertação de mestrado defendida no ano de 2019 junto ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional – PROFEPT. Ao ouvir 11 professores de Sociologia da região da Grande Florianópolis, capital do estado, as pesquisadoras obtiveram que: todos os professores confirmaram a viabilidade do trabalho com a música em sala de aula, pois ela aproxima os estudantes dos conteúdos e configura-se como uma linguagem acessível para os jovens; apenas quatro deles indicaram a utilização de textos diversos em sala de aula (para além do livro didático), estando a música entre eles<sup>4</sup>.

Destaca-se que a proposta que apresentamos e defendemos vai além do uso esporádico da música, apenas para iniciar um conteúdo, mas que ela possa ser usada em projetos de maior duração. Sobretudo, pretende-se mostrar a possibilidade de assegurar ao estudante o papel de protagonista, mediado pela presença do professor como orientador desse processo de construção do conhecimento de Sociologia.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

A presença da Sociologia na educação brasileira não é uma constante. A primeira vez em que a disciplina apareceu nos currículos escolares do Brasil foi em 1891. O positivista Benjamin Constant, então ministro do governo do presidente Floriano Peixoto, apresentou um plano nacional para a Educação, fazendo essa previsão. Nesse contexto de reforma da Educação Secundária, no primeiro governo da República, a disciplina era obrigatória nos currículos de Ensino Médio.

De lá pra cá, como já abordado neste trabalho, foram muitas idas e vindas. A Sociologia saiu de cena com a Reforma Capanema, no Governo de Getúlio Vargas, e foi radicalmente retirada do Ensino Médio durante o período da Ditadura Militar. Por força de lei, foi substituída por Educação Moral e Cívica e Organização Social e Política do Brasil (CARVALHO, 2004; JINKINGS, 2007). De um modo geral:

O ato de lecionar Sociologia para alunos do Ensino Médio ficou absolutamente restrito ao “gueto” das Escolas Normais. Com a reforma do ensino realizada sete anos depois de consolidada a ditadura militar, com a edição da Lei 5.692, de 11 de agosto de 1971, as coisas pioraram para a nossa ciência. Ocorre a introdução nos currículos das escolas médias - que passam a se chamar de 2º grau - das disciplinas de Educação Moral e Cívica - EMC e Organização Social e Política do Brasil - OSPB, numa tentativa espúria de substituir respectivamente Filosofia e Sociologia. (CARVALHO, 2004, p. 20 - grifos no original).

---

4 Dados da pesquisa de mestrado da primeira autora, sob orientação da segunda.



Somente a partir de 1979 foi que alguns estados sancionaram leis locais, trazendo novamente a Sociologia para os currículos. Em 1996, com a então recém-publicada Lei de Diretrizes e Bases da Educação, a disciplina foi levada para a transversalidade, sendo que apenas os conhecimentos e conceitos tornaram-se obrigatórios no currículo. Em 2001, a lei que introduziu a Sociologia nas instituições de Ensino Médio foi sancionada pelo Congresso Nacional. O que parecia mais uma vez como o fim da saga de idas e vindas da Sociologia, revelou-se como o início de uma nova luta, pois o presidente Fernando Henrique Cardoso vetou a lei<sup>5</sup>. Em um governo neoliberal, as questões ideológicas eram contrárias à implementação da Sociologia (MORAES, 2004). Foi somente em 2008, com a Lei Federal nº 11684, que esta se tornou obrigatória em todas as escolas de Ensino Médio do país.

Entretanto, a história de riscos à presença da Sociologia na Educação Básica não está restrita ao passado. Ameaças recentes fizeram parte do percurso de mudanças com a implantação da Reforma do Ensino Médio, em 2017. É preciso considerar que as reformas educacionais em curso no mundo, via de regra, partem de uma visão mercadológica de Educação e se alinham aos projetos políticos e ideológicos dos governos vigentes. Cada alteração proposta tem em si uma intencionalidade que muitas vezes está implícita em seu discurso.

A presença e as orientações para o ensino de Sociologia nos documentos oficiais também precisam ser consideradas. Os Parâmetros Curriculares Nacionais, publicados em 1996, tratam a disciplina como opcional, principalmente quando oferecem à escola a possibilidade de incluí-la ou não no currículo. Em 2006, surge outro documento, denominado de Orientações Curriculares Nacionais. No capítulo que trata da Sociologia, o texto aponta que os papéis centrais desta são a desnaturalização e o estranhamento frente a tudo o que está posto, com a observação dos fenômenos sociais sob um olhar mais crítico, fugindo da trivialidade e do senso comum. No entanto, não existe uma proposta específica de conteúdos a serem trabalhados pelo docente.

As Orientações Curriculares Nacionais (OCNs, 2006) não propõem um conteúdo programático definido a ser trabalhado com os estudantes e nem se posicionam com relação às teorias didático-pedagógicas que respaldam o documento. Defendem que a sociologia é o espaço de realização das ciências sociais no ensino médio e que não há uma discussão consolidada na área, conteúdos consagrados a serem trabalhados no ensino médio. Partem da desnaturalização e do estranhamento como fundamentos epistemológicos de seu ensino. (CARIDÁ, 2016, p.65).

---

5 Esse veto teve um sentido de derrota ainda maior, pois o então presidente era sociólogo.



Em relação às diretrizes oficiais, o caso de Santa Catarina - foco deste trabalho, precisa ser considerado. O documento que orienta o ensino no estado, a Proposta Curricular de Santa Catarina (PCSC), tem quase três décadas de história e é fruto das lutas sociais pela Educação. É um retrato do contexto no qual ela foi elaborada. Lutas sindicais e da sociedade civil estão impressas na ideia da proposta. O contexto social, político e ideológico da época em que ela foi escrita encontra-se entranhado no seu cerne. Cabe ressaltar que, desde a primeira versão, em 1991, a proposta já indicava a Sociologia, sendo que em 1998 a lei complementar nº 1732<sup>6</sup> que dispunha sobre o Sistema Educacional de Educação de Santa Catarina tornava a Sociologia disciplina obrigatória no território estadual.

Com a mudança das Diretrizes Curriculares Nacionais de 2013, houve a necessidade de uma readequação da proposta e uma nova versão foi lançada em 2014<sup>7</sup>. Quando trata da Sociologia, o documento indica que a disciplina tem como um dos objetivos fazer com que os estudantes consigam se posicionar criticamente quanto a sua realidade social e define quais conceitos são importantes para alcançar esse objetivo:

[...] conceitos como ideologia, cultura, relações sociais e modos de produção, meios de comunicação, tecnologias, massificação, alienação, produção de cultura, cultura popular e erudita, material e imaterial, indústria cultural (cultura/contracultura/subcultura), etnias, diversidade cultural, lideranças, sociedade de consumo, estado, poder e governo, cidadania e democracia, instituições sociais, classes sociais, desigualdades, movimentos sociais, neoliberalismo, globalização, relações de gênero, diversidades, virtualização das relações sociais, trabalho humano, inovação industrial, tecnológica e científica, sociedade industrial, desenvolvimento regional, economia e mercado, meios de produção e divisão do trabalho, meio ambiente e sustentabilidade auxiliam os estudantes nesse processo de elaboração conceitual. (SANTA CATARINA, 2014, p.147-148).

De um modo geral, o que os documentos que orientam o ensino de Sociologia sinalizam como referencial para a disciplina é apenas a indicação de trabalho com os autores clássicos e seus principais conceitos. Diante desse cenário, o presente trabalho propõe como estratégia o uso da música, contextualizando os conceitos e dando aos estudantes protagonismo no debate de temas que estão relacionados com o seu cotidiano, refletindo criticamente sobre eles. A questão será abordada com mais propriedade na seção que segue.

## 2.1. A MÚSICA COMO RECURSO METODOLÓGICO NAS AULAS DE SOCIOLOGIA

6 A lei está disponível em : [http://leis.alesec.sc.gov.br/html/1998/173\\_1998\\_Lei\\_complementar.html](http://leis.alesec.sc.gov.br/html/1998/173_1998_Lei_complementar.html)  
Acesso 09 jul. 2019.

7 As diferentes edições da Proposta Curricular de Santa Catarina estão disponíveis em <http://www.uniedu.sed.sc.gov.br/index.php/graduacao/proesde/curso-de-ensao/midiateca/proposta-curricular-de-santa-catarina>.



No campo da Educação, a música é um recurso de fácil acesso e geralmente é bem-aceita pelos alunos. Por meio dela, podem ser abordadas várias temáticas. Em sala de aula, pode aproximar o aluno da disciplina e dos conteúdos. Além disso, sua utilização é de baixo custo e, por isso, possível de ser implementada em qualquer escola, atendendo às especificidades dos alunos.

Na Educação infantil, a música pode fazer parte do cotidiano em muitas situações, tanto para momentos de descontração quanto para atividades orientadas e planejadas pelos professores.

[...] a música desempenha um papel fundamental no processo de ensino/aprendizagem das crianças, sendo ela utilizada nas atividades dirigidas ou de recreação, auxiliando na formação da criança pequena onde a mesma precisa de energia e movimento, variedades de atividades e energia. Por tanto as atividades devem ser planejadas, não impedindo que improvisos aconteçam, pois pude observar que as crianças pedem certas músicas que muitas vezes não estão no planejamento das professoras. (TENROLLER; CUNHA, 2012, p. 40).

A formação dos professores para a utilização da música também é muito relevante, pois é necessário fazer as intervenções necessárias para que ela faça sentido para o processo ensino aprendizagem. Para Ferreira (2017), é um tipo de expressão humana que tem em si uma riqueza universal e pode ser utilizada para um trabalho prazeroso e valioso com os estudantes.

Entre as crianças dos anos iniciais do Ensino Fundamental, esse recurso também é geralmente bem-aceito e, muitas vezes, faz com que conteúdos nos quais o estudante tem mais dificuldades possam ser trabalhados de maneira mais prazerosa.

Por meio da união entre o saber e as canções, os professores poderão realizar um elo entre o conhecimento e a descontração, aproximando o conhecimento artístico do conhecimento científico. É necessário que os professores se reconheçam como sujeitos mediadores de cultura dentro do processo educativo. Dessa forma, poderão procurar e reconhecer todos os meios que têm em mãos para criar, a sua maneira, situações inovadoras de aprendizagem. (BARROS *et. al.*, 2013, p. 93).

Por ser um recurso capaz de aproximar as pessoas, as letras das músicas, de certa maneira, podem facilitar o diálogo entre os agentes do processo educativo, favorecendo o trabalho interdisciplinar. No Ensino Médio, foco deste trabalho, essa é uma alternativa para que as aulas sejam mais atrativas para os alunos.

Mesmo disciplinas identificadas como tradicionais que estão no currículo escolar há bastante tempo estão tendo a necessidade de rever suas técnicas de transmissão de conhecimento, sendo forçadas a fazer mudanças e remodelações imprescindíveis nas relações professor/aluno, ensino/aprendizagem e escola/sociedade. Estas adaptações nos mostram que técnicas, métodos, hábitos e rotinas estão mudando e sendo aperfeiçoadas. Na área do ensino de Ciências Sociais essas mudanças se mostram ainda muito tímidas, pois existem várias limitações nas práticas das aulas. (COMIM; MOURAD, 2015, p.5).



Outra questão relevante para o Ensino Médio é que o número de aulas das disciplinas diminuam, variando de uma a três por semana. A situação acaba por dificultar a utilização por parte dos professores de metodologias diferenciadas e adequadas ao tempo disponível. Para tanto, planejar é essencial e a música pode ser um recurso alternativo. Quanto à disciplina de Sociologia, a utilização da música pode ser bem variada. Além das letras e suas interpretações, o aluno pode ser estimulado a criar paródias com o conteúdo estudado e a trazer músicas que tenham relação com o conteúdo estudado. O professor tem o papel de articular esse recurso com o conhecimento teórico, adequando as atividades ao seu tempo de aula. De acordo com Comim e Murad (2015), com a orientação do professor, a música pode auxiliar o estudante a pensar além do senso comum, desenvolvendo a criticidade, observando melhor o mundo que o rodeia.

Para o sucesso na atividade, o professor deve levar em consideração, além do conteúdo em pauta, o contexto histórico em que seu aluno está inserido. Assim, os critérios de escolha são muito importantes: letras muito complexas e de difícil compreensão, mesmo no Ensino Médio, não facilitarão o trabalho do professor, a menos que haja um intenso processo de mediação. Os conceitos básicos de cultura, trabalho e sociedade são facilmente encontrados em músicas. Até mesmo assuntos mais teóricos podem ser melhor introduzidos nas aulas com esse recurso. Diante das especificidades de cada grupo, é fundamental que se desenvolvam ações que permitam os vínculos entre educação, formação e cultura. Arroyo (2017) dá algumas sugestões:

Projetos que partem de ações culturais para chegarem ao ensino ou que fazem o ensinar-aprender um processo cultural. Jogos, música, capoeira, rap, teatro etc. são articulados ao ensino de matemática ou de história, à alfabetização, à aceleração dos desacelerados e defasados ao conhecimento do patrimônio cultural nos estudos, do espaço, reconhecendo e trabalhando seu universo simbólico etc. (ARROYO, 2017, p. 167).

Em qualquer modalidade de ensino, o educador deve levar em consideração que cada ser é único e traz para a escola ideologias, gostos e saberes. Para que o uso da música na escola tenha êxito, o educador precisa ter a sensibilidade de perceber as particularidades dos seus alunos. Ainda, como propomos aqui, é preciso que qualquer recurso metodológico utilizado, entre eles a música, permita a efetiva participação de todos os sujeitos do processo ensino aprendizagem, de modo que contribua com a ampliação e a ressignificação dos conhecimentos trabalhados na escola e articulados à vida.



### 3 METODOLOGIA

A pesquisa que deu origem a este artigo se caracterizou pelo vínculo à abordagem qualitativa e, na pesquisa de campo, como já explicitado, foram ouvidos os professores de Sociologia de quatro escolas selecionadas (três da Rede Estadual e uma da Rede Federal localizadas na região da Grande Florianópolis-SC), no período de outubro a novembro de 2018. Com os dados da pesquisa que revelaram, como já apresentado, a presença pouco significativa da música nas aulas de Sociologia, elaboramos a proposta metodológica aqui apresentada.

Para a aplicação da sequência didática, foi selecionada uma das escolas nas quais atuam docentes entrevistados na pesquisa de campo. A instituição oferta exclusivamente o Ensino Médio, em três turnos, totalizando cerca de 1400 alunos atendidos. Desses, foram selecionadas as duas turmas de terceiro ano do período vespertino. As atividades foram desenvolvidas nos meses de março e abril de 2019.

### 4 RESULTADOS ALCANÇADOS: A MÚSICA EM SALA DE AULA DE SOCIOLOGIA

As sequências didáticas são estratégias metodológicas que permitem um trabalho contínuo e integrado entre diferentes disciplinas escolares, por isso, esta foi a escolha feita para o trabalho aqui partilhado. Optamos pela elaboração de uma sequência cujo foco foi a utilização da música como um recurso metodológico nas aulas de Sociologia, dado o contexto explicitado nas etapas anteriores deste texto.

Quanto aos elementos que constituem uma sequência didática, Doltz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 82) apresentam-na como “um conjunto de atividades escolares, organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito”. Nóbrega (2015) destaca a importância do planejamento didático do professor de Sociologia e recomenda o uso de sequências didáticas, de modo a otimizar o tempo:

Nós, que temos apenas uma aula de 50 minutos por semana, que enfrentamos a dificuldade de usar todos os minutos de maneira produtiva sem deixar de fazer a lista de frequência e mantendo disciplina dos alunos não conseguimos começar e terminar a abordagem de um determinado conceito, tampouco, introduzir minimamente, mas sem distorções, uma teoria em apenas uma aula. Por causa destas questões que a sequência Didática surge como uma forma de organizar o processo de ensino-aprendizagem. (NÓBREGA, 2015, p.116).

Nobrega (2015) destaca a sequência didática como um recurso capaz de assegurar a efetiva participação dos estudantes. Para tal, destaca a necessidade de engajamento dos alunos desde o planejamento inicial, com a apresentação, pelo professor, dos objetivos das atividades até a avaliação e apresentação dos resultados do trabalho.



Tanto a elaboração quanto a aplicação da sequência didática desenvolvida levaram em conta os conceitos teóricos defendidos neste trabalho, os resultados da pesquisa realizada com os professores de Sociologia da Grande Florianópolis e a análise dos livros didáticos utilizados por eles. Foram considerados os conteúdos curriculares previstos para o período nas turmas selecionadas para aplicação e o diálogo interdisciplinar com os professores titulares envolvidos na proposta<sup>8</sup>.

No total, participaram 61 estudantes, das duas turmas de terceiros anos do Ensino Médio selecionadas. A Turma 1<sup>9</sup> é constituída por 31 alunos, sendo 15 do sexo masculino e 16 do sexo feminino; a faixa etária varia entre 16 e 18 anos. A Turma 2 é constituída por 30 alunos, sendo, 16 meninos e 14 meninas, sendo a faixa etária semelhante à da Turma 1. Conforme o planejamento anual dos professores de Sociologia, o terceiro ano do Ensino Médio tem como conteúdos programáticos temas como, racismo, machismo/questões de gênero, desigualdades sociais, violência, religião, entre outros.

Depois de definidos os conteúdos a serem abordados via atividades da sequência - racismo, machismo e homofobia - foram elaborados os planos de aula, apresentados para aprovação das professoras titulares de Sociologia e de Arte. É preciso destacar que as temáticas previstas na matriz curricular de Sociologia e trabalhadas na sequência didática aqui descrita têm um papel fundamental na construção de uma sociedade mais justa a todos. Cabe salientar que as categorias raça e gênero, na sociedade capitalista, estão imbricadas com a questão da classe social. Essas relações sociais se mostram interdependentes e assim estão juntas no combate às mais diversas formas de opressão.

As pesquisas atuais no campo da sociologia do trabalho e do gênero, tanto na França quanto no Brasil, têm demonstrado o interesse em retomar essas categorias analíticas para avançar no conhecimento da dinâmica e da interdependência das relações sociais e na luta contra as múltiplas formas conjugadas de opressão. (HIRATA,2014, p.69)

A recepção dos alunos foi bastante calorosa e eles aceitaram participar. Foi feita uma explanação de como seriam as aulas e quais os objetivos. Na conversa inicial, os próprios alunos ofereceram sugestões que foram além da ideia inicial. Eles perguntaram se, já que os conceitos sociológicos seriam trabalhados a partir de músicas, poderiam fazer um musical e criar novas versões de canções já existentes, o que prontamente foi atendido e incorporado ao planejamento da proposta.

---

<sup>8</sup> As atividades desenvolvidas contaram com o diálogo entre os professores de Sociologia e de Arte, dado o uso da música como recurso metodológico utilizado.

<sup>9</sup> A título de organização do texto, nomearemos as turmas como Turma 1 e Turma 2, pela sequência de realização das atividades em sala de aula.



As atividades foram realizadas em cinco etapas, com cada uma das turmas, individualmente, sendo que o trabalho final envolveu todo o grupo. O primeiro encontro foi denominado “Imaginação Sociológica, liberdade de expressão e o ‘politicamente correto’”, começando com a exposição de um pequeno esquema de como aconteceriam as atividades da sequência didática e, já nessa etapa, os resultados da proposta mostraram seus frutos, pois os alunos fizeram uma série de propostas acerca do andamento das atividades da sequência didática, que culminou com a socialização das produções feitas por eles. A segunda aula teve como foco a “Liberdade de expressão e o preconceito racial”. “Racismo é burrice”, do cantor Gabriel, o pensador, foi a música usada como uma das estratégias para acionar o debate sobre o tema. Os estudantes prestaram muita atenção na letra e, segundo um deles, essa se caracteriza como “um resumo do que nós tínhamos conversado até então”<sup>10</sup>. Foi solicitado que eles pensassem em um trecho específico da música, no qual o autor diz que “o mais burro não é o racista é o que diz que o racismo não existe, o pior cego é o que não quer ver e o racismo está dentro de você”. Com o trecho em mente, os alunos foram reunidos em círculo e foi mediado um debate sobre o tema.

A terceira aula teve como tema “O Machismo nosso de cada dia: analisando músicas machistas”. Foi apresentado às duas turmas parte de um vídeo disponibilizado no canal Youtube denominado Músicas Machistas<sup>11</sup>, no qual o apresentador mostra e analisa alguns trechos de músicas. A maioria dos estudantes conhecia as letras, mas, durante a aula, deixaram claro que não haviam percebido que elas reforçam ideias machistas. Muitos deles ficaram perplexos por não terem percebido isso. O comentário foi usado para destacar a importância da Sociologia na formação crítica de quem passa pela escola.

O quarto encontro com cada uma das duas turmas abordou “Marchinhas de carnaval e cantigas infantis, análise de letras polêmicas”. A discussão foi movida pela música “Amélia”, de Mário Lago e Aaulfo Alves, lançada em 1942. Logo em seguida, antes mesmo de abrir para a discussão, foi ouvida a música “Desconstruindo Amélia”, da cantora Pitty, gravada em 2009. Foi necessário discutir com os alunos que as letras foram escritas em contextos diferentes, e que a mulher também desempenhava papéis sociais diferentes nesses dois momentos históricos. Após a discussão, uma estudante afirmou que a cantora Pitty, na versão da música, havia “empoderado Amélia” e a turma concordou com a colega.

---

10 De modo a preservar a identidade dos sujeitos da pesquisa, ao longo das transcrições dos depoimentos feitos em aulas, os nomes dos autores não serão revelados.

11 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Z15eZNNURYA>



Entretanto, além do protagonismo assumido ao longo das aulas, nas atividades descritas até aqui, destaca-se o envolvimento e o aprendizado produzido pelos alunos na tarefa final, resultante da sequência didática com o uso da música nas aulas de Sociologia. O encerramento da sequência didática foi realizado com a socialização de trabalhos produzidos pelas duas turmas de terceiros anos para os demais estudantes da escola. A atividade foi desenvolvida no auditório da escola, de modo a possibilitar a participação de estudantes de outras turmas, professores e equipe pedagógica. Dessa forma, tanto as produções dos alunos quanto os conceitos em estudo foram compartilhados com outros sujeitos da comunidade escolar.

Ao analisar as produções em vídeo feitas por estudantes de Ensino Médio apresentadas no III Festival IMAGENS EMdiálogo<sup>12</sup>, realizado no ano de 2014, Brenner e Carrano (2014) destacam como, ao assumir a autoria das produções, os jovens explicitam suas formas de interpretar a realidade. “De toda forma, nos convidam a apostar na capacidade dos sujeitos jovens da escola em produzir suas próprias narrativas sobre o espaço-tempo da escolarização no qual estão imersos.” (BRENNER; CARRANO, 2014, p.1237).

De acordo com Brenner e Carrano (2014), os docentes e também os pensadores das políticas educacionais precisam dar voz aos jovens, de modo que eles possam tomar decisões que interfiram na qualidade da escola. A proposta de produção que encerrou a sequência didática aqui apresentada, acordada nessa perspectiva, resultou em quatro vídeos produzidos pelos alunos. Uma das turmas, a Turma 2, decidiu fazer um trabalho coletivo, apenas um clipe tratando das três temáticas estudadas em aula; e outra, a Turma 1, optou por formar três grupos, um abordando a temática machismo, um a homofobia e outro o racismo.

É importante destacar que os estudantes organizaram toda a produção, com a escrita das letras de músicas, a organização dos roteiros, a encenação e a edição dos videoclipes. Vale observar, ainda, que nessa etapa, assim como nas anteriores, em que se discutiam as temáticas que compõem o currículo da disciplina de Sociologia, eles assumiram o protagonismo, explicitando a presença de senso crítico nas produções. Percebe-se isso na análise da apresentação de um grupo de 11 alunos da Turma 1, que selecionou o tema machismo para a produção.

O grupo produziu um vídeo de 3:43 minutos, intitulado “Machismo, violência doméstica”. Os estudantes iniciaram a apresentação com um áudio de mulheres pedindo socorro

---

12 O Festival é organizado pelo Portal Ensino Médio EMdiálogo (<http://www.emdiálogo.uff.br>), via uma rede social de comunidades temáticas de interesse de estudantes e professores do Ensino Médio público (BRENNER, CARRANO, 2014, p. 1231).



para a polícia: foram usados áudios reais e a exibição foi bem impactante para o público. O clipe traz a história de uma mulher que sofria em um relacionamento abusivo e, depois de muitas agressões, conseguiu se libertar. A sensação de empoderamento e liberdade foi acompanhada por uma paródia da música “Sou ciumento, mesmo”. O trecho “Tá mais que provado que eu vivo sem você, melhor ficar longe de mim, já vou logo avisando, que eu sei cuidar de mim! Sou orgulhosa mesmo, empoderada mesmo”, mostra a ideia de independência da mulher se contrapondo à música original, interpretada pela dupla Matheus e Kauan, usada como referência para a produção. O conceito de machismo foi tipificado pela forma da agressão e a música foi elaborada de modo a mostrar a mudança na vida da mulher que protagonizou a história.

Ao analisar a produção feita pela turma, percebe-se que o conceito de machismo, presente na ementa de Sociologia que promoveu o debate, foi apreendido pelo grupo. Os resultados reforçam o papel da disciplina, atribuído pelas OCNs (BRASIL, 2006, p. 14), de “[...] interlocução com as outras disciplinas ou com o próprio currículo como um todo, senão com a própria instituição escolar”. Além de estudar o conceito de machismo, trabalhar a escrita de uma paródia, produzir roteiro de videoclipe e todas as demais funções inerentes à produção, os estudantes também levaram esse debate aos demais colegas da escola.

Em outra produção, um grupo tratou do racismo, usando imagens, frases e figuras já existentes para apresentar a letra da música, com a duração de 3:35 minutos e com o título “Tente me ouvir”. Além da letra, os estudantes elaboraram dois poemas, que foram lidos por eles para compor a produção em vídeo. É interessante notar que, nos dois poemas, os estudantes apresentaram a temática da violência ligada ao racismo, como se percebe neste fragmento do poema 1<sup>13</sup>:

Racismo é algo que vem nos destruindo e a cada século aos poucos sumindo, será? Será que não bastam 80 tiros na sua direção ou abuso de autoridade com um negro com a camisa do *mengão*. Mas não importa qual seja seu time, o que mais me deprime é ver estampada na sua cara a mensagem sublime que só pela sua cor é do crime e não importa a situação ele sempre vem e te reprime.

O texto escrito pelos alunos reflete as discussões feitas em aula, ao longo deste trabalho e servem como mais um manifesto de denúncia para a relação entre racismo e violência. No texto *Pedagogia da crueldade: racismo e extermínio da juventude negra*, Gomes e Laborne (2018) fazem uso dos dados do Atlas da Violência 2017 (CERQUEIRA; LIMA; BUENO *et al*, 2017 *apud* GOMES; LABORNE, 2018, p. 5) para denunciar que “de cada 100 pessoas que sofrem homicídio no Brasil, 71 são negras. Jovens e negros do sexo masculino continuam sendo

---

13 Não foram atribuídos títulos aos poemas.



assassinados todos os anos como se vivessem em situação de guerra”. É o que também se percebe no trecho do poema 2, escrito pelos alunos: “ele [racismo] te arrasa com apenas uma provocação, sendo ela como um tapa na cara ou até mesmo uma facada no coração”.

A Turma 2 decidiu trabalhar com apenas um clipe para todos os temas, produzido com a participação de todos os 30 alunos. O clipe tem 8:24 minutos, intitulado “Menos preconceito, mais amor”. O enredo da produção foi contextualizado em uma história que se passa em um bar. Logo no início, retrata uma cena de homofobia, quando um casal é proibido de entrar, por ser homossexual. Dentro do bar, ocorre a cena de machismo, em que um grupo de homens é hostil e preconceituoso com a garçonete, questionando a qualidade do seu trabalho e condicionando a avaliação ao fato de ela ser mulher. Uma cliente do bar se ofende e começa a cantar uma paródia da música *Mulheres*, de Martinho da Vila, com letra escrita pelos estudantes, desconstruindo o machismo. É o que se percebe ao analisar o trecho: “Encontrei, em alguns momentos a felicidade. E o ato machista não deixou saudade. A minha dor ficou, mas tudo teve um fim. Você foi o sol da minha vida, a minha vontade. Mas agora eu sei da tua incapacidade. Foi tudo que um dia eu não quis pra mim”. A escrita revela a percepção do grupo em relação ao papel da mulher frente às atitudes machistas, por eles denunciadas ao longo do vídeo.

A cena que aparece na sequência do clipe trata da homofobia nos dias atuais, acompanhada da música “O preconceito um dia vai acabar”, elaborada pelos estudantes e que se contrapõe à ação inicial de resignação dos personagens do clipe. O vídeo termina com uma cena de racismo, na qual a polícia prende um rapaz negro que estava em uma cena do assalto, mas não havia participado. A produção dos alunos revela a compreensão dos conceitos trabalhados ao longo da sequência didática. Percebe-se o desenvolvimento da “imaginação sociológica”, proposta por Charles Wright Mills e presente na maioria dos livros didáticos de Sociologia. Os estudantes deram sentido aos conceitos trabalhados de uma maneira diferente daquela que estão acostumados, numa perspectiva mais crítica. As produções revelam a percepção do grupo de que o “politicamente correto” deve se basear na premissa do respeito ao outro e que essa deveria ser a base de todas as relações pessoais e sociais.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As partilhas feitas neste trabalho permitem dizer que a sociologia tem um importante papel no currículo da Educação brasileira. Percebe-se nitidamente o envolvimento dos estudantes, a articulação entre os conhecimentos curriculares e o cotidiano, enfim, a relevância



de trabalhar os conhecimentos sociológicos, de modo a permitir a formação crítica dos sujeitos que passam pela escola. A música sendo utilizada no cotidiano das aulas de Sociologia pode contribuir para destacar o papel dessa disciplina escolar que é de trazer criticidade, levando o estudante a pensar sua realidade social, ampliando a capacidade de leitura do mundo, desnaturalizando os fenômenos sociais e, conforme a LDB (1996), auxiliando na formação de cidadãos e na preparação para o mundo do trabalho.

Bem mais do que propor fórmulas, este trabalho visou partilhar experiências significativas, tendo a música como recurso para o ensino de Sociologia. Ao acompanhar os resultados das produções dos estudantes, nos quase vinte minutos de vídeos gravados e disponibilizados ao público, via internet, percebemos as vozes desses sujeitos se manifestando. Ao longo do processo, também foi possível identificar o envolvimento dos estudantes das duas turmas, em uma clara manifestação do interesse desses alunos na construção do conhecimento e nas contribuições que a Sociologia tem a oferecer à sua formação como sujeitos.

Como afirmam Benner e Carrano (2014), é preciso que a escola esteja aberta para unir a “universalidade da experiência escolar com a singularização dos processos educativos”. É necessário, continuam os autores, reconhecer os estudantes como sujeitos, revendo valores, reorganizando tempos e espaços escolares, de modo a permitir “que as múltiplas vozes do cotidiano escolar possam interagir em arenas de convivência democrática” (BENNER; CARRANO, 2014, p 1238). Esperamos ter contribuído com essa construção, ao propor e desenvolver ações em aulas de Sociologia, partilhando-as, na esperança de suscitar novos diálogos.

## REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel González. **Passageiros da noite**: do trabalho para a EJA; Itinerários pelo direito de uma vida justa. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

BARROS, Marcelo Diniz Monteiro; ZANELLA, Priscilla Guimarães; ARAÚJO-JORGE, Tania Cremonini. A música pode ser uma estratégia para o ensino das ciências naturais? Analisando concepções de professores da educação básica. In: **Revista Ensaio**, Belo Horizonte, v.15, n. 01, p. 81-94, jan./abr. 2013.

BRASIL, Ministério da Educação. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio**. Ciências humanas e suas tecnologias. Brasília: MEC, 2006.

BRENNER, Ana Karina; CARRANO Paulo Cesar Rodrigues. Os sentidos da presença dos jovens do Ensino Médio: representações da escola em três filmes de estudantes. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 35, nº. 129, p. 1223-1240, out. Dez., 2014.



CAREGNATO, Célia Elizabete, et. al. Ensino de Sociologia na Educação Básica: um olhar sobre o perfil e a formação dos professores no Rio Grande Do Sul. **Cadernos da Associação Brasileira de Ensino de Ciências Sociais**. Rio Grande do Sul.vol.1, n.1, p. 187-205, jan. /jul. 2017.

CARIDÁ, Ana Carolina Bordini Brabo. Diretrizes curriculares para a Sociologia no ensino médio. **Revista Em Debate (UFSC)**, Florianópolis, volume 16, p. 55-68, 2016.

CARVALHO, Leujeune Mato Grosso (Org). **A Trajetória Histórica da Luta Pela Introdução da Disciplina de Sociologia no Ensino Médio no Brasil**. Ijuí: Unijuí, 2004.

COMIM, André Alvarez Grohe; MOURAD, Leonice Alves Pereira. **O uso da música como um recurso pedagógico para o ensino de ciências sociais no ensino médio**. Santa Maria, 2015. 23f. TCC (Graduação) – Universidade Federal de Santa Maria, Curso de Ciências Sociais. Disponível em: [http://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/2620/andre\\_alvarez\\_grohe\\_comin\\_tcc2.pdf?sequence=1](http://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/2620/andre_alvarez_grohe_comin_tcc2.pdf?sequence=1). Acesso em: 12 fev 2018.

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michèle; SCHNEUWLY, Bernard. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

FERREIRA, Martins. **Como usar a música em sala de aula**. 8ª ed. São Paulo: contexto. 2017, (Coleção como usar na sala de aula).

GOMES, Nilma Lino; LABORNE Ana Amélia de Paula. Pedagogia da crueldade: racismo e extermínio da juventude negra. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v.34e197406, 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/edur/v34/1982-6621-edur-34-e197406.pdf>. Acesso em 10 jun. 2019.

HIRATA, Helena. Gênero, classe e raça Interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. **Tempo Social**, revista de sociologia da USP, v. 26, n. 1, jun. 2014.

JINKINGS, Nise. Ensino de Sociologia: Particularidades e Desafios Contemporâneos. **Mediações**, Londrina, v.12, n.1, p.113-130, jan. /jun. 2007.

MORAES, Amaury César. O veto de FHC: o sentido de um gesto. In: CARVALHO, Leujeune Mato Grosso. (Org.) **Sociologia e ensino em debate**: Experiências e discussão de Sociologia no Ensino Médio. Ijuí:Unijuí, 2004.

NÓBREGA, José Aderivaldo Silva da. Elementos para se pensar sobre a didática da Sociologia no ensino médio. **Revista Em Debate (UFSC)**, Florianópolis, volume 14, p. 101-121, 2015.

OLIVEIRA, Amurabi; LIMA, Vilma Soares. Formação de Professores em Ciências Sociais: Desafios e Possibilidades a partir do Estágio e do PIBID. In.: GONÇALVES, Danyelle Nilin, (Org.) **Sociologia e Juventude no ensino médio formação, PIBID e outras experiências**. Campinas, SP: Pontes editores, 2013.



SANTA CATARINA, Secretaria de Estado da Educação e do Desporto. **Proposta Curricular de Santa Catarina:** Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio: Formação Docente para a Educação Infantil e Séries Iniciais. Florianópolis, 1998.

SANTA CATARINA. Secretaria de Estado da Educação. **Proposta Curricular de Santa Catarina:** formação integral na educação básica. Florianópolis 2014.

SAVIANI, Demerval. Formação de professores: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro. **Revista Brasileira de Educação**, v. 14 n. 40 jan./abr. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v14n40/v14n40a12.pdf>. Acesso em 02 dez. 2019.

TENNROLLER, Daiane Cristina; CUNHA, Marion Machado. Música e educação: a música no processo ensino aprendizagem. In: **Revista Eventos Pedagógicos**, v.3, n.3, p.33-43, ago./dez. 2012. Disponível em: <http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/article/viewFile/974/646>> Acesso em: 31 maio de 2018.

**Recebido em: 12 de março de 2019.**

**Aprovado em: 14 de maio de 2019.**